

Crescimento com deflação

Flavia Mutran/Divulgação/12.1.05

economia - Brasil



VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Depois de muitos fracassos e decepções, o Brasil está dando mostras efetivas de que pode crescer sem inflação. Apesar de a expansão econômica não ser a desejada diante das necessidades do país, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará hoje o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre do ano. A estimativa dos especialistas é de que o PIB tenha crescido 1,2% em relação ao período entre janeiro e março — resultado que pode chegar a 1,5% —, reforçando a tese do governo de que, mesmo o Brasil ostentando os maiores juros do mundo, a produção e o consumo continuam firmes. Ontem, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) informou que o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) fechou agosto com deflação de 0,65%. Foi o quarto mês consecutivo de preços em queda.

A conjugação de crescimento e taxas negativas de inflação estimulou o debate entre os especialistas. Teoricamente, deflação por um período prolongado sempre está associada à estagnação econômica. Mas, contrariando as regras, a economia brasileira continua se expandindo. A queda de preços aumenta o poder de compra da população, sobretudo a mais pobre, que gasta a maior parte do orçamento com alimentos, justamente os produtos que estão ficando mais baratos. Ao se deparar com esse consumo, os

empresários se sentem estimulados a ampliar os investimentos, garantindo que não haverá falta de produtos mais à frente. "Estamos muito confiantes com os rumos da inflação e do crescimento", disse Nuno Câmara, economista, em Nova York, do Dresdner Bank.

Queda geral

Segundo Sandra Utsumi, economista-chefe do Banco BES

Investimentos, a queda da inflação é generalizada e surpreendente, uma vez que, até maio, havia a desconfiança de que os índices iriam estourar o teto de 7% da meta definida pelo governo. "O que se vê hoje é um quadro totalmente diferente. A deflação do IGP-M de agosto foi maior do que o mercado previa — entre 0,4% e 0,55% — e a maior em dois anos. No acumulado de 2005, o IGP-M está

em 0,75% e a expectativa é de que feche o ano na casa dos 2%. Há, inclusive, chances de o índice de setembro ser negativo", afirmou. Sandra ressaltou que o IGP-M reflete muito mais os preços das matérias-primas consumidas pela indústria. Mas a queda está sendo repassada aos consumidores.

É o que mostra a FGV ao abrir o IGP-M. O Índice de Preços por Atacado (IPA), que representa

60% do IGP-M e revela a inflação para a indústria, ficou negativo em 0,88% neste mês. Já o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), responsável por 30% do IGP-M, caiu 0,32%. A queda de preços de produtos *in natura* (frutas, legumes e hortaliças) também influencia. O índice medido foi de -5,43%, ante -0,55% em julho. Os alimentos processados caíram 1,22% e, em julho, tiveram alta de 0,13%.

Juros menores

Para John Welch, economista-chefe para a América Latina do banco americano Lehman Brothers, com a inflação nos atuais níveis, já seria possível o Comitê de Política Monetária (Copom) cortar os juros, que estão em 19,75%, em pelo menos um ponto percentual já na reunião do mês que vem. Mas a tendência é de que o Copom seja gradualista, de forma que a economia vá retomando o fôlego sem criar focos inflacionários. "Estamos vivendo tempos mais fáceis para o Copom no manejo da política monetária. A inflação ficará nas metas perseguidas pelo BC neste e no próximo ano. Já o crescimento, que em 2005 não será tão forte, ficará próximo de 4% no ano que vem, mesmo que a crise política se arraste por mais alguns meses", destacou.

No entender de Nuno Câmara, o Brasil deixou para trás o choque de oferta ao qual foi submetido nos últimos dois anos e que obrigou o BC a elevar os juros por nove meses seguidos — de setembro de 2004 a maio deste ano. Agora, o país está sendo beneficiado pela queda de mais de 20% do dólar desde janeiro, estimulando as importações, e pela retração dos preços das commodities (mercadorias com cotação internacional) agrícolas. Pelo IGP-M, esses produtos tiveram deflação de 5,43% em agosto. "Uma ótima notícia para os consumidores", afirmou o coordenador de Análises Econômicas da FGV, Salomão Quadros.